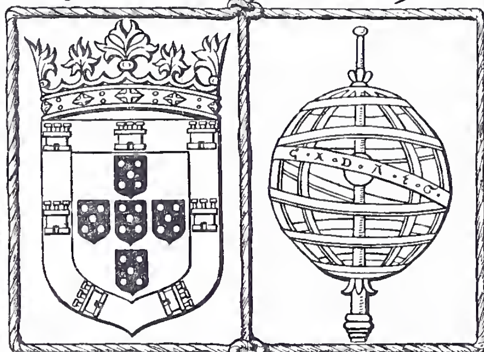
EX·LIBRIS



Depois de Vós Nós

D·MANUEL·II·

SOUSA VITERBO

Calígrafos e iluminadores portugueses

ENSAIO HISTÓRICO-BIBLIOGRÁFICO

(OBRA PÓSTUMA)

Propriedade e edição da família do autor



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1916

Ao seu illustre consocio o Ex.mo Senhor
José Queiroz
Homenagem de
Sophia de Sousa Viterbo

Calígrafos e iluminadores portugueses

SOUSA VITERBO

Calígrafos e iluminadores portugueses

ENSAIO HISTÓRICO-BIBLIOGRÁFICO

(OBRA PÓSTUMA)

Propriedade e edição da família do autor



COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1916

Dêste opúsculo, primitivamente publicado no volume 63.º do *Instituto,* se tiraram 5o exemplares em *Separata,* que não fôram postos à venda.

CALÍGRAFOS E ILUMINADORES PORTUGUESES (1)

ENSAIO HISTÓRICO-BIBLIOGRÁFICO

O laboriosissimo D. Fr. Francisco de S. Luiz, na sua *Lista de alguns artistas portuguezes,* não se esqueceu de dedicar um capítulo especial aos peritos na arte de escrever e do desenho à pena. É todavia limitado o número dos artistas que cita e quasi todos êles são modernos. Sem querer de modo nenhum amesquinhar o trabalho do ilustre beneditino, que por tantos ramos da literatura espalhou o seu claro talento e a sua conscienciosa erudição, podemos afirmar que o terreno ficou por explorar e que a colheita não correspondeu de modo algum à prometedora ceara. Os subsídios, felizmente, não faltam e as abundantes origens estão apenas à espera de um esclarecido e infatigável investigador. Não reunimos essas duas qualidades indispensaveis, mas procuraremos supri-las por um afecto de curiosidade, que não se quer cobrir de glória, mas que deseja simplesmente contribuir com o seu pequeno pecúlio para o adiantamento dos estudos artísticos em Portugal.

O calígrafo mais antigo que aponta S. Luiz é Manuel Barata, que publicou a sua arte em 1572, mas é bem de ver que a caligrafia havia naturalmente de florescer em tempos anteriores à invenção da imprensa. Com efeito, as provas, já directas, já indirectas dessa actividade, abundam em Portugal, embora o desleixo dos homens, mais que o estrago dos anos, tenha consumido muitos monumentos. Durante toda a idade média, mesmo antes da fundação da monarquia, aparecem claros vestígios do trabalho dos *scriptores* (2).

---

(1) O autor tinha à margem dêste estudo a seguinte nota: «Isto precisa de ser completamente refundido».

(2) Vide a *Nomenclatura de Gerson,* citada por Linas.

Nos antigos documentos relativos à fundação de igrejas e conventos, ahi se veem mencionados, mais ou menos especificadamente, os livros entre os objectos de culto. Assim, numa doação do século IX (875), feita à igreja de Soalhães, se oferece «ad aram Dei»—*vella vel vestimenta, libros*, etc. (1). No testamento de D. Mumadona (959), fundadora do convento de Guimarães, mais tarde convertido na célebre Colegiada, vem uma larga enumeração dos livros, que ela, entre muitos outros bens moveis e imoveis, legou ao seu mosteiro. Não menos de 20 códices, *uiginti libros ecclesiasticos*, que formam uma biblioteca bastante notável para a época (2).

Os testamentos dos primeiros bispos do Porto, depois de fundada a monarquia, são muito interessantes sob êste ponto de vista, e por êles se faz uma ideia aproximada da cultura intelectual da época e do seu movimento bibliográfico. O bispo Fernão Martins, falecido a 6 dos idos de novembro da era de 1223 (1185), lega à sua igreja *Decreta mea et Institucione, et Authenticam, et novelam sicut sunt in uno volumine, et Summam Decretorum et Institucionum et Codicis in alio volumine*, etc. (3). D. Pedro falecido na era de 1334 (1296), deixa *Magistro Scholarum, Decretales nostras, Digestum meum vetus, Santal et Domingal, Forciatum et Uguicium, sive Guichum, librum de vita sanctorum... Bibliam manuale, librum de Civitate Dei*, etc. (4). Mas o testamento mais rico em doações desta ordem é o do bispo D. Vasco. São numerosos os livros que êle deixa, não só à sua Sé, mas às de Sevilha, Burgos e Lisboa, e às igrejas de Bouças, S. Pedro de Torres Novas, S. Pedro de Torres Vedras e S. Tiago de Beja. João Pedro Ribeiro não publica o testamento na íntegra, mas ainda assim o catálogo que nos oferece é bastante extenso e interessantissimo (5).

É natural que muitos dêstes códices viessem do estrangeiro, mas é de crêr que grande número dêles fôssem produzidos no paiz e que os monges se aplicassem a êste trabalho, não só como ocupação literária e religiosa, mas até como ocupação artística e industrial. Efectivamente assim sucede e não nos faltam as provas. Os conventos forneciam

(1) P. M. H., *Dipl. et Chartae.*
(2) Idem, ibidem, pág. 46.
(3) J. P. R., *Dissertações chronologicas*, tom. V.
(4) Idem, ibidem.
(5) Idem, ibidem, pág. 88.

aos eclesiásticos e aos seculares abastados os seus livros de reza. No ano de 1217, Orraca Viegas doou ao mosteiro das Salzedas quanto tinha em S. Joaninho de Moens pela sua alma e de seus pais, e tambêm porque os monges a fizeram sua familiar e lhe deram um Breviário de *toto anno. Et pro rebora unum Breviarum de Carreira de dia et de nocte* (1). Em 1140 Pedro Paadiiz (ou Paladiniz), pároco de Santa Maria de Avanca, fez doação a Grijó de *illo meo Breviario, quem emi justo praetio ab ipsis Ecclesiolae Canonicis.... Do itaque ipsis Canonicis illum, & concedo conditione tali: ut cum ego illum habere voluero ad exercendum Officium Ecclesiae meae, redam vobis in unoquoque anno duas libras cerae, & post obitus mei clausulam, liberum illum habeant ipsi Canonici. Sed si priusquam mors me preocupet, sub regimine alicujos Ordinis vivere me decrevero, absque ullo impedimento, recipiant illum ipsi Canocici.* Das curiosas clausulas dêste testamento deduz o autor do *Elucidario* que os monges de Grijó se entregavam à feitura de livros (2). Mais positivo, porêm, nos parece um documento de igual natureza relativo a Tarouca. No anno de 1145, Pelagio, prior da insigne Colegiada ou igreja episcopal de S. Sebastião de Lamego, com os seus cónegos, deram ao mosteiro de S. João de Tarouca dois pedaços de herdade em Alvelos, em preço e recompensa dos livros, que os monges lhes haviam copiado — *pro Bibliotheca* (3) *quam scripsistis nobis, tantum nobis et vobis placuit* (4). Os monges de Lorvão tambêm se ocupavam nestes trabalhos. Alêm do *Liber Testamentorum,* Tombo de natureza similhante ao *Livro Preto* da Sé de Coimbra e ao *Censual* da Sé do Porto, vieram daquele antigo mosteiro dois códices importantes que hoje se guardam na Torre do Tombo. Um dêles, que figurou na História portuguesa do trabalho na Exposição Universal de Paris de 1867, e na Exposição de Arte Ornamental, realizada em Lisboa em 1882, é uma có-

(1) Documento extraído do livro das Doações das Salzedas em Viterbo — *Elucidario sub verbo Breviario de Carreira.*

O códice CCCI de Alcobaça foi escrito por António de Araujo, monge das Salzedas. Vide *Index.*

(2) Idem, *Sub verbo Breviario.*

(3) Ás vezes esta palavra tem a significação de Volume. No testamento de Egas Ermenegildiz e sua mulher Gontina Eroniz feito em favor de Paço de Sousa deixa *unam Bibliothecam in se continente nouus et vetus Testamentum.* Doc. de 1088, publicado no P. M. H., *Dipl. et Ch.,* pág. 426.

(4) Viterbo, *Elucidario, sub volume.*

pia do *Comentario ao Apocalypse*, e foi feito por um certo Egas em 1189 (era 1227). Contêm setenta e tantas iluminuras de uma grande rudeza, mas interessantes sôbretudo para a história dos costumes. O códice 290 da livraria de Alcobaça foi escrito pelos monges lorvanenses na era de 1223 (1185), sendo bispo de Coimbra D. Martinho, e abade de Lorvão D. João. O *Index* não refere esta circunstância que vem mencionada em Fr. Fortunato (1).

Alguns conventos da Ordem dos frades menores de S. Francisco cultivaram carinhosamente esta arte. Fr. Manuel da Esperança, descrevendo-nos a agreste casa de S. Clemente das Penhas, que se transferiu depois para o convento da Conceição de Leça, hoje demolido, narra assim como se entretinham os seus solitários moradores: «Occupavão-se os frades com grandissimo fervor na meditação do Céo, e no serviço da casa; e na verdade, pelo que achei escrito, a vida era de frades que desejavão ser santos. Escrevião livros, conforme a seu costume, acudindo nisso a duas obrigações: hũa de não estar ociosos: outra, de terẽ por onde louvar a Deos» (2).

No convento da Conceição se enterrou um dos prelados mais conspícuos da Ordem, Fr. João da Povoa, confessor de D. João II (3). Se foi homem de sentimentos profundamente piedosos, como assevera a respectiva crónica, não faltam testemunhos que nos revelam o seu amor pelas letras. Escreve dêle, sob este ponto de vista, o erudito e consciencioso Esperança: «Teve notavel cuidado de prover as livrarias, em razão da utilidade dellas; porq̃ pelos livros louvamos a Deos no coro: aprendemos nas cellas a encaminhar as almas, e acendemos as nossas nos fervores da virtude. Mas por quanto os impressos não erão mui ordinarios, elle escrevia huns, porque tinha boa pena, e aos subditos encommendava os outros. As primeiras Cronicas da nossa Ordem, escritas de mão, que entrárão neste Reino, elle as deu á casa de Alanquer. Por seu mandado escreveo Fr. Francisco de Sevilha a Lẽda dos Santos Martyres de Marrocos, que se guarda em S. Cruz de Coimbra (4). Fez ajuntar num qua-

(1) Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Commentariorum*, nota à pag. 57.
(2) *Historia Seraphica*, tom. II, pág. 473.
(3) Acêrca de Fr. João da Povoa, leia-se *Chronica de D. Manuel*, no comêço, e o artigo que lhe consagra Barbosa Machado.
(4) Hoje na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

derno os milagres de N. Senhora das Virtudes, os quaes andavam espalhados em papeis particulares e soltos, por não se vir a perder a memoria de todos, como de muitos avia ja perecido. Não saïa da provincia pera parte algũa, postoque fôsse distante, que não tornasse com livros. Mandou buscallos por Fr. Nuno de Portalegre á feira de Medina em Castella. A sua instancia lhe enviarão de Roma, escrito tambem de mão, porem em forma autentica, o *Mare magnum* dos nossos privilegios, que o Papa Sixto IV compilou e ampliou» (1).

Tambêm no convento da Insua, outro recolhimentosinho pobre de frades da mesma Ordem, se entregaram êles a idênticas tarefas. Narra o cronista: «Quantos oficios se podem imaginar, que serião necessarios á conservação da casa, e provimento dos frades, todos aqui se fazião, e quem não sabia delles, por devação aprendia. Trabalharão na horta, e nas calçadas, sendo mestre de todos o insigne P. Povoa, o qual tambem escreveo muitos livros pera serviço do coro. Esta era a maior ocupação, e mais ordinaria no que escrevião bem, ainda que fossem Leigos, porque como os livros impressos nesse tempo erão poucos e todos custavão muito, com o seu trabalho proprio querião remediar a sua necessidade. Mais de doze encontrei nas memorias da casa, que tinhão este cuidado, e com elles o Servo de Deos, Fr. Tristão de Penacova, cuja noticia nos espera a seu tempo. Escreveo a nossa Regra Serafica, as suas declarações Apostolicas e os estatutos geraes de Barcelona». De uma relação do proprio Fr. João da Povoa se serviu Esperança, e dessa relação transcrevemos nós para aqui o seguinte trecho: «No anno de 1493 moravão aqui na Insua estes frades, os que se seguẽ: F. Vasco de Santarem, confessor, e fazia pera a communidade, e ajudavão F. Tristão de Lisboa, Diacono. F. Pedro da Cunha provia livros e buscava-lhe as mentiras, e fazias correger, etc.» (2).

De todos os conventos de Portugal aquele todavia que mais se dedicou à feitura e colecionamento de códices foi indubitavelmente o mosteiro de Alcobaça, da ordem de S. Bernardo, fundação de D. Afonso Henriques. A sua livraria manuscrita era afamada e continha verdadeiras preciosidades. Apesar de defraudada, escapou ao vandalismo que

(1) *Historia Seraphica*, tom. II, pág. 490.
(2) Idem, ibidem, pág. 464 e 465.

atacou todos os conventos na época da guerra civil e acha-se hoje encorporada na Biblioteca Nacional de Lisboa. Em 1775 publicou-se o *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae,* volume in-fólio, dando lugar mais tarde a uma polémica literária, motivada sôbretudo pela memória académica de Fr. Joaquim de Santo Agostinho, em que se analisava menos benevolamente o catálogo (1). Fr. Fortunato de S. Boaventura foi, contudo, quem tratou mais desenvolvidamente a materia, escrevendo um grosso volume com eruditos comentários ao *Índice,* muitas passagens do qual foram não só ampliadas mas corrigidas (2). Na sua *Historia Chronologica e crítica da real abadia de Alcobaça* dedicou tambêm alguns capítulos a êste assunto, que êle tratou, tanto numa como noutra obra, sob o ponto de vista literário, histórico e bibliográfico.

Quási todos os manuscritos de Alcobaça, com excepção de poucos, são cópias, traduções, ou originais escritos pelos próprios monges. Apenas existe um Códice, em gótico, que, pelos seus carateres, se reconhece anterior à fundação do convento. Os restantes são escritos em letra francesa (3) e provam o estado de perfeição a que chegou a arte caligráfica naquela casa. Alêm dos códices, existiam no arquivo de Alcobaça cartas e diplomas que revelavam extrema perícia da parte de quem os notava, devendo especialisar-se, como um dos mais hábeis Domingos Pedro Pinel (4).

A asserção de Fr. Fortunato de que a máxima parte dos códices de Alcobaça foram producto dos próprios monges parece-nos um pouco difícil de comprovar-se ou é, pelo menos, para se pôr em dúvida. Dos três argumentos que apresenta, o primeiro seria indiscutivelmente de grande valor, se os códices apresentassem com efeito o nome dos seus autores e até a data em que foram escritos. O *Index* revela-nos o nome de muitos monges alcobacenses a quem atribue trabalhos caligráficos, mas, no exame a que procedemos, verificámos que a indicação em muitos deles era inteiramente moderna, escrita na fôlha de papel que serve de guarda ao códice. Seria o autor do *Index* que lançaria essas notas ou

(1) Veja-se o *Boletim de Bibliographia Portugueza,* vol. I, pág. 211.

(2) Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Commentariorum de Alcobacensi Mstorum Bibliotheca Libri tres.* Conimbricae, 1827.

(3) Confira-se a opinião de Fr. Fortunato com a do *Index.*

(4) Fr. Fortunato, *Coment.,* pág. 10.

já existiriam? Mas num ou noutro caso, qual é o gráu de autoridade em que se fundam? Que elementos houve para se atribuir a êste ou àquele monge uma importante elaboração caligráfica? Seria tradição da casa? (1) No caso afirmativo, onde é que se encontrava a memória dessa tradição? É extranho e até para causar suspeitas que nenhum daqueles escritores dissesse nada a êste propósito.

Que bastantes códices vieram de fóra é ponto sôbre que não pode haver dúvida. O próprio Fr. Fortunato diz que alguns (poucos) eram provenientes de Claraval, outro germânico, mas êle mesmo nos aponta algumas excepções, por exemplo quando nos indica que o códice 290 fôra escrito pelos monges lorvanenses. Frei Luis de Sousa conta-nos que na livraria de Alcobaça havia um livro de Vidas de Santos, de pergaminho, de grande formato, na última fôlha do qual se liam duas regras de outra letra que diziam assim: *Dederunt nobis fratribus de Alcobacia hunc librum de vitis Sanctorum Fratres Predicatores de Santarem pro pignore nostrae crucis aeneae anno Domini M.CC.XXXX tertio nonas Martii* (2). O códice XCIII trouxe-o de París mestre Pedro de Montemór, conforme uma nota de letra mais recente (3). O códice CIV foi doado por D. João, bispo da Guarda, filho de D. Duarte (4). O códice CCXXV apresenta a seguinte nota: *Iste Liber est Fratris Petri de Hispania Monachi Claraevallensis studentis apud. S. Bernard. Parisiis* (5). O códice CCCI foi escrito por Fr. António de Araujo, monge das Salzedas por ordem do abade geral de Alcobaça Fr. Manuel de Morais (6).

Apesar de Fr. Fortunato não se dedicar especialmente ao exame artístico e paleográfico dos códices, há ocasiões em que não pode conter-se deante da beleza e da excelente conservação de alguns exemplares. «Que formosos ensaios de calligraphia! — exclama elle. Fica o animo suspenso e arrebatado ao abrir-se um destes Codices, que contando 400, 500 e mais annos de antiguidade, parecem escriptos de hoje; quero dizer, em quanto ao bem conservado das tintas; que no mais

---

(1) Do Códice CV diz o *Index compositum, ut memoriae testantur, a Fr. Joanne Morenas da Fonte Arcada.*
(2) Fr. Luis de Sousa, *Historia de S. Domingos.*
(3) *Index,* pág. 58.
(4) Idem, pág. 62.
(5) Idem, pág. 98.
(6) Idem, pág. 132.

podem hombrear até com as Edições mais nitidas de Livros impressos nas mais acreditadas Officinas da Europa; o que melhor conhecerá quem pozer o livro intitulado — *Officium Beatissimae Virginis Mariae* — que sahiu impresso em pergaminho dos prélos de Christiano Preller em Napoles a 15 de novembro de 1487 deante do Codice n.º 1, cuja letra é miuda, porem nitidissima, e de outros muitos, que he desnecessario apontar. Tenho visto a famigerada Biblia do Real Mosteiro de Belem, e o Missal da Livraria do Convento da 3.ª Ordem em Lisboa: porem confesso que o Missal Codex n.º 152 he obra perfeita e acabada; e que as letras em ouro, principalmente as do Canon da missa, provão a assombrosa habilidade do escriptor. Outra que tal se admira no Codex 174, (Vide Fr. Vitel da Cella) que he pelo mesmo gosto da ha pouco citada Biblia, e que nas tarjas de cada huma das folhas apresenta huma delicadeza de artificio, e huma variedade e boa escolha de typos e côres, que não se pode ver sem a mais profunda admiração dos antigos» (1).

AFONSO (FERNANDO) (fim do século XIV)

Regra de Santo Agostinho e sua exposição. Boaventura diz que foi trasladada; o catálogo portuense diz que foi copiada por Fernando Afonso. O catálogo chama a Fernando Afonso prior de Santa Cruz, o que é lapso; Boaventura chama-lhe cónego.

(Catálogo da Biblioteca Portuense, n.º 52).

AFONSO (MARTIM)

Foi mestre de escrita de D. João III. A êste propósito escreve Fr. Luis de Sousa:

«Mas tornando á historia, tambem pareceo novidade mandar elRey vir ao Paço, pera dar lição de escrever ao Principe, hum pobre homem, que por bom escrivão, tinha escola aberta na cidade. Chamava-se Martim Affonso. Do que colligimos duas cousas: primeyra, que devia ser insigne na arte: segunda, que não averia então homem nobre, que o fosse nella».

---

(1) *Historia de Alcobaça*, pág. 59

ALBERTO (FERNANDO)

É o escriturário do Livro I da Chancelaria de el-rei D. Duarte, segundo se lê na subscrição final do mesmo livro:

«Fernandus elbertus scprisit año diñi mill.º cccc.º septuagesimo secundo deo gratiaz». (Torre do Tombo).

FR. BERNARDO DE ALCOBAÇA (século XV)

Monge de Alcobaça. Tradutor da *Vita Christi* e dos *Acta Apostolorum*. Parece que também foi copista, não só dêstes, (279, 280, 281, 282) mas do códice 335.

Vide Fr. Fortunato, *Historia de Alcobaça*, cap. VI. O códice 335 tem entre outras indicações a seguinte:

«Fr. Bernardo me fez no anno do Nascimento de N. S. J. C. de 1440».

FR. FERNANDO DE ALCOBAÇA (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu os 7 livros de Osorio contidos no códice 207. Eis o que diz Fr. Fortunato (*Comment.*, pág. 365):

«Historiarum libri septem a Fr. Ferdinando Alcobacensi Monacho circiter primam seculi decimi tertii medietatem elegantissime adcuratissimeque fuerunt exarati, etc.».

Vide Fr. Duarte de Nazareth.

Fr. Fortunato refere-se outra vez a Fr. Fernando e ao códice 207. (*Comment.*, pág. 525).

FR. FERNANDO DE ALCOENTRE

Escreveu o códice 310, que contêm os 6 livros de Decretais do Papa Bonifácio VIII.

FR. ROMÃO DE ALEMQUER (século XV)

Monge alcobacense. Escreveu em nítidos caractéres o códice 283, fol. magno, que contêm vidas de Santos.

FR. MARTINHO DE ALJUBARROTA (século XV)

Trasladou e copiou a Regra de S. Bento, que se acha no códice CCC. Uma nota diz o seguinte:

«Explicit secunda expositio in Regulam S. Benedicti in romancio exarata, sollicite intellectu, lingua, manu pariter laborantibus a quodam monacho proferendo de thesauro intellectus sui quantum valebat, et sua fragilitas eum sinebat, textum dictae Regulae intelligere et esponere de mandato Domni Fernandi, Abbatis Alcobaciae».

Como se vê dêste trecho, a tradução é anónima; alguem, todavia, de letra mais moderna, poz sôbre as palavras *a quodam monacho,* a seguinte nota: *Martino de Aljubarrota nominato.* Um Fr. Martinho de Aljubarrota, mestre dos noviços de Alcobaça, vivia no ano da Salvação de 1410, segundo resulta duma nota inserta no códice 330. Esta nota vem confirmar a opinião de Fr. Fortunato, de que a tradução ou explanação da Regra de S. Bento é do século XV, e foi feita por ordem do abade Fernando que vivia neste século, e não por ordem do abade Fernão Mendes, como querem os autores do *Index,* o qual vivia no século XIII (1270).

FR. BASILIO DE ALMEIDA

Atribue-se-lhe o códice CCXXXIII, in 4.º, boa letra, fl. 64, que contêm um tratado ascético, *De verbo abbreviato.* Diz Fr. Fortunato que se não deve atribuir a Fr. Basilio de Almeida, mas sim a Pedro Pictariense, vulgo Pedro Cantor. (*Commentarii,* pág. 69).

LUIS ALVARES (calígrafo)

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito aos seruiços que Luis Aluarez, moço da camara, me tem feitos ategora e ao trabalho que leuou em escreuer os cinco liuros da Reformação das ordenações deste Reynno e leuallos á corte de Madrid, ey por bem de lhe fazer merce de hũu dos officios de escriuão dos contos do Reynno e casa, estando vago, o qual seruirá em quanto eu ouuer por bem e não mandar o contrario, com declaração que acabará de escreuer de todo a escritura dos ditos liuros ate se estampa-

rem, e averá com o dito officio cincoenta mil rs. de ordenado em cada hũu anno, que he outro tanto como tem os mais escriuães dos ditos contos, que começará a vencer do dia que lhe for dado posse delle em diante, e lhe serão pagos assi e da maneira que se pagão aos outros e não avera merces por ajudar a tomar contas nem por outras deligencias de meu seruiço que fizer, conforme a prouysão de reformação dos ditos cõtos pello que mando aos vedores de minha fazenda.... Diogo de Sousa o fez em Lisboa a xxiiij de setembro de nouenta e sete. Sebastião Perestrello o fez escreuer» (1).

ÁLVARO

Êste nome encontra-se num dos livros da leitura nova mandados executar por D. Manuel, e cujo trabalho se prolongou por muitos anos. Todos êles são de primorosa caligrafia com letras iniciais a vermelho, com frontispícios de tarjas iluminadas, com medalhões, figuras, paisagens. O livro 11.º da Estremadura diz ao centro da tarja inferior: *Aluarus, 1527*. No fim tem esta subscrição:

«Este livro vndecimo da estremadura se fez e acabou na hordenança que dicto he executado e sobscrito per meu mandado. E pera mais firmeza e corrobaraçam o asiney de meu proprio signal. Na minha muy nobre e sempre leal cidade de Lisboa aos vinte e quatro dias de Janeiro Anno do nacimento de nosso senhor Ihũ xpo de mill b^{c}xxxbiij».

São muito interessantes as figuras ornamentaes da tarja inferior dum realismo a competir com algumas das scenas libidinosas dos frescos de Pompeia.

FR. AFONSO DE ALVITO (ALPHONSUS DE THOMERIO)

Monge alcobacense. Escreveu, em grandes caractéres, o códice CCLVI, contendo obras de Cassiano.

Fr. Fortunato diz que não encontrou vestígios de Fr. Afonso de Alvito; o que leu foi a fl. 81 o seguinte:

«Explicit Innocentius de vtilitate humanae conditionis quem scripsit F. Alphonsus de Thomerio».

---

(1) Torre do Tombo — Chancelaria de D. Filipe II, *Doações*, liv. 1.º, fl. 190.

FR. PEDRO AMADO (século XII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice LI, in fol. magno, contendo a Exposição de Rabano Mauro sôbre os 4 livros dos Reis.

Nota munuscrita: «Fr. Pedro Amado de Alfeizarão — G.de letra illuminada azul, verde, encarnado —».

Final: «Explicit liber quartus Rabani mauri expositionis in libris Regum. Tinta encarnada. Obsecro uos q̃ hec legeritis ut petrus amadus pēcoris memĩas. Pat. ñr.».

ESTEVÃO ANES, DE ÓBIDOS (século XIII ou XIV, antes XV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXXVI, que contêm a tradução em portugués do códice XXXV. (*Diálogos* de S. Gregório Papa, 4.º gr., fl. 158).

Escreveu tambêm o códice XXXVII, que contêm outra versão mais acurada, perfeita e breve.

Veja-se o que diz sôbre isto Fr. Fortunato (pág. 569).

O códice 36 tem a seguinte nota: «Stevam Annes o fez, era 1454 (anno 1416)».

O códice 37 a seguinte: «Este livro he de Fernam Affonso, Prior de S. Maria da Arruda, do Arcebispado de Lisboa. E despois ho vendeo a Fr. Estevam d'Aguiar».

FR. TOMÁS DE AQUINO (século XVIII)

Monge alcobacense. Fez em 1755 e 1757 os livros do côro destinados a substituir os antigos. Eram em letras maiores e mais elegantes, segundo diz o *Index,* quando se refere aos antigos códices sob os n.os 411 e 412.

ANTÓNIO DE ARAÚJO (século XVII)

Monge de Salzedas. Escreveu o códice CCCI, em papel, nítidos caractéres. Contêm o *Monologium Cisterciense.*

AVELAR (VASCO) (século XV)

É o copista do *Livro Verde,* coleção de documentos relativos à Universidade. Tem no fim a seguinte nota:

«Vasco d'Avellar escolar em direito canonico fez este tres-

lado dos privilegios e o terminei em 20 de maio de 1471, segunda feira á tarde».

Em nota da mesma letra: «Tinha 23 annos e meio e mais 15 dias».

Vide o artigo de Gabriel Pereira, sôbre êste assunto, no *Boletim de Bibliographia Portugueza*, vol. II, n.º 8, agosto de 1882.

FR. NICOMEDES DE BARCELOS (século XIII)

Escreveu o códice LXXVII, que contêm diversas obras.

«Codices nostros a numero 74 usque ad 80 omnes in folio tam parvo quam magno, eximiaeque notae seculis 13 et 14 exarati, etc.». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 338).

Serão todos do mesmo copista? O *Index* só menciona o nome do que escreveu o códice 77.

BARRETO (CARLOS JOSÉ) (século XVIII)

Escreveu o *Livro das Antiphonas* do côro da Sé do Porto, em 4 volumes, em fólio máximo, pergaminho. Grandes letras iniciais, a preto. Cada volume corresponde a uma estação. No frontispício está o nome do autor, ora em latim, ora em português. A obra foi começada em 1730 e acabada em 1734: a *pars verna* em 1730, a *hiemalis* em 1732, a *aestiva* em 1733, a *autumnalis* em 1734. Este último diz: «Carolus Josefus Barreto faciebat; o *hiemalis* Carlos Joseph Barreto o fez».

FR. HONORATO DE BENAVENTE (século XIII)

Monge alcobacense. Atribue-se-lhe o ter escrito o códice XLIII, que contêm a Exposição de Santo Ambrósio de Milão sôbre o Psalmo 118, fólio mínimo, 118 fls.

FR. BERNARDO

Monge alcobacense. Escreveu o códice LV, que contêm a Exposição de Beda sôbre os Actos dos Apóstolos, uma Vida de S. Lourenço e dois Lexicos etimológicos latinos. 4.º magno.

FR. BERNARDO (século XIII)

Monge cisterciense, noviço ainda «nondum Monachus». Escreveu o códice alcobacense CXXXVI, que contêm vários

tratados ascéticos em verso hexâmetro. Termina com êstes versos:

«Sancto Bernardo Bernardus contulit ultro
Hunc, nondum Monachus, credit tamem esse futurus
Tunc fuerant anni Domini cum mille ducenti
Et decies septem: Post insuper usque Novembrem;
Usque diem recolas, hujus tibi sume Kalendas».

O autor do *Index* interpretou *decies septem* por *dezasete*, e escreveu autoritariamente *Scriptus fuit igitur saeculo* XIII *& nuncupatus anno 1218. Kalendis Novembris*. Fr. Fortunato interpretou mais judiciosamente o *decies septem* por *dez vezes sete* ou *setenta*, atribuindo portanto a composição do livro ao ano de 1270. (*Comment.*, pág. 91 e 92).

Bernardo era noviço, mas esperava em breve ser monge.

LUCAS DE BOIDOBRA

Monge cisterciense de Santa Maria da Estrela. Transcreveu os sermões que se acham no codice CXVI. Dêle diz Fr. Fortunato:

«Hunc sane Lucam hos Sermones ex alio Codice transcripsisse dicendum est; nam ex sermonem contextu auctorem Dominicani Ordinis, non Cisterciensís, alumnum fuisse constat. Initio Sermonis secundi in festo S. Dominici, de themate ait. Haec verba competunt satis B. Dominico Patri nostro». (*Comment.*, pag. 68).

FR. INOCENCIO BORGES

Monge cisterciense. Segundo as tradições de Alcobaça era êle o autor das *Concordancias* contidas no códice VIII. Fr. Fortunato contesta, porêm, esta opinião, dizendo que Inocencio Borges poderia ter sido escritor e não autor. (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 213).

CANCELA (MARTIM DE) (século XIII)

Gonçalo Gonçalves, chantre do Porto, deixa no seu testamento, feito na era de 1300, 18 kal. Maii, um livro que fez Martim de Cancela. (J. P. R., *Diss. Chr.*, tom. V, pág. 81).

FR. GOMES DO CARVALHAL (século XIV)

Escreveu o códice LXV, que contêm uma Exposição sôbre os Psalmos. Fólio pequeno, fl. 193.

FR. VITAL DA CELA

Monge alcobacense. Notável miniaturista. Executou o códice CLXXIV, do qual diz o autor do *Index:* «valde perpolitus, auratus, & pictus».

FR. TIMÓTIO DE CELORICO (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXXII, fólio magno, em grandes caractéres. Contêm os dez primeiros livros da Exposição moral de S. Gregório Papa sôbre Job.

«Codices 32, 33, 34, libres expositionis Moralis in Job continentes, adeo venustis caracteribus sunt exarati, ut libros primo saltem post inventionem Typographicae artis excusos antecellant». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 323).

Parece que são todos três do mesmo autor, isto é, do mesmo copista.

FR. AMADOR DO CEO

Monge alcobacense (?). Escreveu o códice XL, que contêm diversas obras dos Santos Padres.

FR. AGOSTINHO DE COIMBRA (século XII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XVIII, fólio máximo, contendo Epístolas de Santo Agostinho. «Eximiae notae». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 293).

FR. TEOTÓNIO DE CONDEIXA (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu e iluminou em ótimos caractéres o códice XVI, que contêm 13 livros das Confissões de Santo Agostinho.

Tem no princípio: «Fr. Theotonius de Condeixa, Monachus Alcobacensis scripsit».

CORREIA (GONÇALO)

Ordinário que foi de Santa Cruz.

«Qui scripsit & Ffz., Gonçalvus Correa vocatur, a Domino Jhu. Christo benedicatur. Scriptori pro penna. Reddatur pulchra. In 4.º perg.º goth.».

Códice n.º 82 do Catálogo da Bibliotéca Pública Municipal do Porto, pág. 37.

FR. URBANO DE CÓS

Escreveu «magnis et claris caracteribus» o códice CCLIV, in fólio, obras de João Cassiano.

FR. DIONISIO DO COUTO (século XIV)

Monge alcobacense. Autor ou copista do códice 321, casos abreviados ou Glosas às decretais de Gregório IX.

CRUZ (ANTÓNIO DA) (século XVII)

Depois de ter exercido vários cargos na ordem, foi eleito prior geral de Santa Cruz a 7 de maio de 1621. Foi êle que mandou fazer a sacristia nova do convento e que é uma boa peça de arquitectura. Dêle escreve Fr. Nicolau de Santa Maria:

«Foi natural da villa d'Abrantes de gente honrada, seu pae se chamou Francisco Pires e sua mãe Maria Pinta. Estudou em Lisboa latim e canto de orgão e foi mui destro na musica; tomou o habito no mosteiro de S. Vicente da dita cidade em 9 de setembro de 1588, sendo prior do mesmo mosteiro o P. D. Dyonisio de Santo Agostinho e prior geral D. Pedro d'Assumpção: era grande escrivão de todas as letras, e na letra que chamam chancellaresca ninguem lhe levou ventagem, e na letra de ponto pera livros de côro, poucos se lhe egualaram. Fez um Vesperal pera o côro de Santa Cruz com grandes illuminações de penna, livro grande e de muita estima, todo de pergaminho de Flandes mui bem encadernado e dourado com chapas de latão, que serve ha mais de cincoenta annos, e está tão novo como se fôra feito de pouco tempo, sendo que serve todos os dias em todas as horas do coro de prima, até a Completa».

(D. N. de Santa Maria, *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho,* tom. II, pág. 408).

MARTINHO DIVES HOMO (século XIII)

Escreveu «Josephi Historiarum Judaicae antiquitates». Tem a seguinte rúbrica:

«Martinus Dives homo notavit hunc librum in honore Sanctae Mariae et Sctae Crucis. Prioratus Martini anno primo sub era M.C.C.LXXXV (1247)».

Fólio grande, perg.° goth. excelente, com algumas iniciais coloridas e ornadas.

(Catálogo da Biblioteca Portuense, n.° 18).

EGAS (século XII)

É o copista e iluminador do volume in folio dum *Commentario ao Apocalypse,* pelo monge Beato, de Liebana. Tem no final a seguinte inscrição: *Mª.CCª.XXª.VIIª. Ego egeas qui hunc librum scripsi si in aliquibus a recto tramite exiri: delinquenti indulgeat karitas que omnia superat. Amen.*

Pertencia ao mosteiro de Lorvão, donde Alexandre Herculano o trouxe para a Torre do Tombo, em 1853.

Em Alcobaça havia outra cópia. Veja-se o que sôbre isto escreveu F. Fortunato de S. Boaventura, já na sua *Historia de Alcobaça,* já nos seus *Commentarios.*

Êste manuscrito esteve na Exposição Universal de Paris, de 1867, na secção da Historia do trabalho, sendo o primeiro descrito no respectivo catálogo. Tambêm esteve exposto na Exposição de arte ornamental portuguesa e hespanhola, celebrada em Lisboa em 1882.

FR. EGIDIO (século XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice CCX, in 4.° magno, «claris caracteribus», o qual contêm o tratado *De Prophetia.*

Será êste o Fr. Egidio de Leiria do códice C?

«Seculo XIII labente vel XIV incipiente exaratum fuit». (Fr. Fortunato, *Comment.,* pág. 396).

ESPIRITO SANTO (LUIS DO)

Compromisso da Confraria e irmandade da Bemaventu-

rada Santa Anna, sita na Igreja de S. Gião desta cidade, de que são administradores os tanoeiros, 1616.

No fim: «Foi feito por Luis do Spiritu Sancto; conego religioso viuente em comum da ordem de Saõ João Euãgelista, anno de MDCxvj».

Folio pequeno, em papel, de boa caligrafia, com letras iluminadas e uma estampa. Vimos êste exemplar (outubro de 93) em mãos do falecido alfarrabista Rodrigues, com loja ao Pote das Almas. Estava em mau estado, por causa da ruindade da tinta, que tinha corroido em parte o papel. Não sabemos a quem foi vendido nem que destino levou.

FR. MIGUEL DE EVORA (século XIII) aliás FR. GARCIA, monge alcobacense

Escreveu o códice LVII que contém o livro *De Floribus Psalmorum,* fólio magno.

Fr. Fortunato diz que êste livro foi escrito por Fr. Garcia, como se lê no fim em duas linhas vermelhas:

Finito libro si laus et gloria Christo.
Frater Garcias notavit istum totum librum.

Vide *Comment.,* de Fr. Fortunato, pág. 78.

AFONSO DE EXTREMOZ (século XII)

Monge alcobacense. Escreveu «non injucundis literis» o códice XVII, que contêm obras de Santo Agostinho. Fólio máximo.

«Fr. Alphonsus de Extremoz, aliás de Fonte Arcada, m. al. scripsit».

Fr. Fortunato diz que o códice 12 é escrito pelo mesmo monge alcobacense que escreveu os 17 e 83 (*Comment.,* pág. 282).

FERNANDO

Das notas iniciais e terminais se vê que o livro foi escrito por ordem de Pelagio (Paio) Goterres por mão de Ferdinando. Coimbra, 1217. Fólio pergaminho, gótico.

Catálogo da Biblioteca Pública Portuense, n.º 27.

FR. ROBERTO DE FIGUEIRÓ (século XIII)

Monge alcobacense. Exarou em boa letra o códice XLV, que contêm «Catenam in libros Genesis et Exodi». Fólio magno, fl. 211.

Fr. Fortunato diz que o códice 45 não deve andar separado do códice 48. (*Comment.*, pág. 51).

Nota moderna. Colector, Fr. Roberto de Figueiró.

FOGAÇA (JOÃO)

Natural de Lisboa. Professou o Instituto de S. Paulo na Serra de Ossa a 31 de agosto de 1608. Estudou música com Duarte Lobo. Faleceu em Lisboa a 2 de agosto de 1658 com 69 anos de idade e 51 de hábito.

Era excelente debuxante. Escreveu três livros de côro para o convento da Serra de Ossa.

Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana.*

FERNANDO GARCIA

Copiou o códice que foi de Santa Cruz e que se conserva hoje na Biblioteca Pública Portuense sob n.º 64.

«Per manus Fernandi Garciae probi Canonici S. & 1228, tempore et jussu Dm.ni Johanis Froile &.a Scribere qui nescit, nullum putat esse laborem». Fólio pergaminho, gótico.

Catálogo da Biblioteca Portuense, pág. 30.

PAIO GARCIA (século XII)

Escreveu o códice que pertenceu a Santa Cruz e que se guarda hoje na Biblioteca Portuense sob n.º 43. Obras de João Cassiano. Tem a seguinte rubrica:

«Per manus Pelagii Garciae Diaconi Canonici S.cte Crucis era 1203, jussu Domini Johannis Theotonii ejusdem Monasterii prioris. Scribere qui nescit nullum putat esse laborem». 1 vol., fólio em pergaminho, gótico, com algumas iniciais ornadas, a 1.ª de grande dimensão.

Catálogo da Biblioteca Pública Portuense, pág. 21.

João Teotonio, sobrinho de S. Teotonio, foi o segundo prior de Santa Cruz.

*

GONÇALVES (AFONSO) (século XV)

Capelão de D. Pedro, regente do reino. Copiou o códice 84 que pertenceu a Santa Cruz e contêm três escritos. 1 vol. in 8.º (papel e pergaminho), letra gótica, 1442.

Catálogo da Biblioteca Pública do Porto, pág. 38, códice 84.

GONÇALVES (JOÃO) (século XV)

Foi escudeiro e escrivão dos livros de D. Afonso V, segundo se lê na subscrição final da *Chronica de Guiné,* de Gomes Eanes de Azurara:

«E acabousse esta obra na livrarya que este Rey dom Affonso fez em Lixboa, desooito dyas de fevereiro, seendo scripta em este primeiro vellume per Ioham Gonçalves, scudeiro e scrivam dos livros do dicto senhor Rey. Aoqual snõr o muyto infiindo benigno e misericordioso Deos sempre queira de boas obras e vertudes em muyto melhores os dias e annos de sua vida de bem em milhor acrecentar, e lhe dar fruito de beençom, com que lhe sempre dẽ graças e louvores, porque el he seu fazedor e criador. No anno de Ihũ Xpõ de mil e quatrocentos e cinqoenta e tres annos».

FR. JOÃO (século XII ou fins do século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu os códices 406 a 410. Eis o que diz Fr. Fortunato (*Comment.,* pág. 206):

«Biblia Sacra a Fr. Joanne, Alcobacensi Monacho, circiter finem seculi XII, vel incipiente decimo tertio, conscripta.

«Haec Biblia, proh dolor! mutila, turpiterque deformata, ob initiatum, litterarum, quae eleganter depinctae erant, abscisionem.

«Non tantum in usus chori, ut *Indicis* affirmant A. A., sed etiam ad legendum inter prandium coenamque destinata erant et cum junioribus Monachis legendi munus committeretur, hinc fortassis abscisio explicari poterit».

Há mais um Fr. João do códice 385; outro dos códices 295, 296, 297; outro do códice 240.

JOÃO (século XIV)

É o copista dos códices 295, 296, 297. A este respeito escreve Fr. Fortunato (*Comment.*, pág. 357):

«Forma codicum, quam externam dico, venustissima. Circiter medietatem seculi XIV, partim nigro, partim viridi, atramento exarati sunt, et utriusque viridissimus color post quadragintos annos incorrupte adversatus legentium oculos nescio qua voluptate, et admiratione percellit. Scriptor nomine *Joannes;* quod in fini Codicis reperitur:

Npmfn Scrkptprks Kphbnnfs.

FR. JOÃO

Escreveu o códice CCXL in fólio, 176 folhas, tratado contra os judeus, intitulado *Speculum Hebrœorum.*

JOÃO

É o copista do códice 385, que contêm obras de Raimundo Lulo. Assim o declaram os seguintes versos no fim do primeiro tratado:

Finito libro, sit laus et gloria Christo,
Laus tibi Christe, quia liber explicit iste.
Qui scripsit scribat, semper cum Domino vivat.
Stylus scriptoris requiescit, fessus laboris.
Johannes vocatur, qui scripsit benedicatur.

(Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 125 e 126).

EGIDIO JOANES (EGIDIUS JOANNIS) (fins do século XIV)

É o caligrafo que copiou o códice 246 de Alcobaça *Summa de Vitiis,* fol. pequeno. Tem no fim:

«Explicit Summa de Vitiis. Benedictus sit ille, qui incepit et perfecit. Egidius Joannis Collimbriensis scripsit, ille sit benedictus. Amen». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 43).

PAIO JOANES (século XIII)

Escreveu: *Augustini Aurelii in Evangelio Sancti Joannis, Sermones 37*. Tem a seguinte rúbrica «Pelagius Johannes Canonicus Ecclæ & era M. CC. LXI». Fólio pergaminho, gótico.

N.º 13 do Catálogo da Biblioteca Portuense.

SANCHO JOANES (século XIII)

O mosteiro de Arouca possuia um Tombo mandado escrever por D. Maior Martins. Segundo a opinião do colector dos *Portugaliae Monumenta,* parece ser formado de dois códices e pertencer aos fins do século XIII ou princípios do XIV. Pode-se todavia determinar a época pelo tempo em que viveu D. Maior Martins. Hoje o códice está na Torre do Tombo e tem no princípio a seguinte inscrição ou rúbrica:

«Principium scripti fiat sub nomine christi Amen. Incipit liber continens cartas plaza et et *(sic)* instrumenta hereditatum seu possessionem monasterii de Arouca a prima restauratione prefati Monasterii quod restaurauit siue fundauit domnus Anxur cum uxore sua domna Eleuua. Quas cartas Sancius (?) iohannis de uerbo ad uerbum rescripsit per mandatum domne Maioris Martini abbatisse ipsius monasterii supradicti. Et hoc iussit fieri dicta Abbatissa propter uotustatem et amissionem cartarum et quod facilius et citius inueniantur per Era et Rubricas cum dicto Monasterio necesse fuerit perquirere aliquas cartas suarum hereditatum seu possessionum».

Port. M. H., *Dipl. et Chartae,* pág. 239.

FR. SEBASTIÃO DE LAMEGO (século XIII)

Escreveu o códice LXVIII, que contêm 86 sermões de S. Bernardo, sôbre os Cânticos. Fólio magno, fl. 230.

FR. EGIDIO DE LEIRIA (século XIII)

Escreveu, de boa letra, o códice C fólio magno, o qual contêm uma exposição alegórica das palavras da Escritura. Tem no fim:

«Obsecro vos qui hunc legeritis, ut Egidii peccatoris memi-

neritis. Finito libro sit laus et gloria Christo. Sub era MCCLVII (anno 1219). Mense Martii. Egidio presbyter de Leirena scripsit hunc librum». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 215).

LISBOA (FR. TRISTÃO DE) (século XV)

Ajudava Fr. Vasco de Santarêm na feitura de livros para uso da comunidade.

Fr. Manuel da Esperança, *Historia Seraphica,* tom. 2.º, pág. 465.

LOBO (DIOGO)

Diogo Lobo partia em 1568 para a Índia comandando uma náu, com 20 anos de idade. Diz dêle Diogo do Couto que *tinha espantosas habilidades, e o melhor escrivão de todas as letras que vi.*

FR. JOSÉ DE S. LOURENÇO JUSTINIANO

O *Século,* de 4 de dezembro de 1892, ao descrever a sacristia da egreja de Avís, cujo tecto, em nervuras, é de boa construção, menciona um belo manuscrito, em fólio máximo, com iluminuras. Tem por título *In festa Sanctorum Apostolorum Petri et Pauli ad vesperas.* É seu autor Fr. José de S. Lourenço Justiniano e tem a data de 1765. As letras iniciais dos capítulos são caprichosa e artisticamente iluminadas; falta num deles a letra B que parece ter sido cortada. A portada do livro é de bom efeito.

FR. AFONSO DO LOURIÇAL (século XIII)

Monge cisterciense. Escreveu os códices 392, 393 e 394, que contêm o *Vocabulário latino,* composto por Tápias.

JACINTO DE MAIORGA (século XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice CCXII in fólio, contendo 12 libros *historiae ecclesiasticae,* sendo 10 Eusebio Caesar e 2 Ruffini.

FR. PAULO MANSO (século XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXXI fólio grande, contendo o livro que se intitula *Defloratio Augustini, sive pretiosa purioris judicii hujus Doctoris extractio.* (Fr. Fortunato dá-o como do século XIII. *Comment.*, pág. 305).

FR. MARTINHO

Escreveu o códice CCLXI, fólio menor, que contêm diversas obras. No fólio 122 tem a oração de Fr. Martinho, escritor do códice, que principia assim — *Ora pro me* e acaba *gloriosa est patria.*

FR. MARTINHO

Abade de Alcobaça, escreveu *claris caracteribus* o códice 303 fólio magno, contendo livros *Decretorum ex conciliis,* etc.

MARTINHO (JOÃO)

Escreveu um dos livros de linhagem do Conde D. Pedro, segundo esta rubrica final:

«Ego Martinus Ioanis scripsi istum Librum, qui est de Domino meo Decano et debet mihi dare unam tunicam propter istam scripturam et pro alijs scripturis per gratiam suam era M. CCCLXXXI an».

Portugaliae Monumenta, Scriptores, pág. 175.

FR. JOÃO MARTINS (século XIV, princípios)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXVIII, in 4.º, grande, que contêm algumas obras dos S.S. Padres. Tem no fim a seguinte rubrica:

«Anno Domini 1309 Domnus | petrus nunii Abbas Alcobaciae | Abbaciatus sui anno XII fecit | notari hec opuscula per ma | nus fratris Johannis martini mo | nachi sui quorum anime post corum obi | tum cum animabus omnium fidelium | defunctorum cum domino requiescant. amen. | Consideratio premii minuit. vim fla | gelii». (Fr. Fortunato, *Historia de Alcobaça,* pág. 61).

ESTEVÃO MARTINS

Monge alcobacense. Escreveu em letra pequena e inteligivel o códice CXLII, em 4.º grande, contendo diversos escritos e documentos relativos à ordem de Cister e o tratado de *praecepto et dispensatione* de S. Bernardo. Tem a seguinte nota final:

«Explicit liber de praecepto et dispensatione domini Bernardi Abbatis de Claravalle. Era 1269 Explicit liber iste sit gloria Christi per manus stephani martini». (Fr. Fortunato, *Historia de Alcobaça,* pág. 59.)

FERNANDO MARTINS

Escreveu os códices 396, 397 e 398, in-4.º, contendo cada qual a gramática de Eberardo Gasino.

MIGUEL (JOÃO)

Foi por êle copiado o seguinte livro que pertenceu a Santa Cruz de Coimbra e existe hoje na Biblioteca Pública Municipal Portuense:

«Rabani Mauri expositionis in libros Regnum libri quator». Pergaminho, formato grande, gótico, bem escrito e conservado.

Traz os cadernos marcados e numerados e tem a nota final: «*Qui scripsit, scribat semper, cum Dño vivat. Finito libro; sit laus et gloria xp.º Johñs Michaeli*».

Descrito no Catálogo da Biblioteca Portuense, sob o n.º 11.

FR. JOÃO MORENAS, DE FONTE ARCADA
(fins do século XII ou princípios do XIII)

Atribui-se-lhe — *ut memoriae testantur* — a feitura do códice CV fólio máximo, exarado em boa letra e contendo as Lições das Epistolas e dos Evangelhos, que se costumam lêr no côro.

São do mesmo os códices CVI e CVII. Êste último tem no fim:

«Obsecro vos, qui haec legeritis, ut Joannis peccatoris memineretis».

Egual rubrica se lê no códice CXII. Atribui-se-lhe ainda o códice CXIII. (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 79.)

Fr. Fortunato, pág. 227, diz ainda: «Diversis Codicibus Mstis usus est Fr. Joannes Alcobacensis Monachus praestantissimi Codicis 113 scriptor, qui lectionum varietatem solerter adnotans, etc.».

FR. DUARTE DE NAZARETH (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu, *claribus caracteribus,* o códice CCVII fólio máximo contendo Epistolam Scaritae Abbatis S. Leocadiae ad B. Fulgentium Episcopum et ejusdem Fulgentii Librum de Fide incarnationis Filii Dei.

Contêm tambêm os 7 livros da *Historia de Orosio* escritas por Fr. Fernando Alcobacense. Vide êste nome (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 365.)

SEBASTIÃO PACHECO VARELA, DE AVEIRO (século XVIII)

É o autor e copista da obra contida no códice 277, papel, in-4.º

FR. ZACARIAS DE PAIO PELE (século XV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice CCXLIV, que contêm diversas obras em português, entre as quais um Catecismo de doutrina cristã.

PAIVA (HELIODORO DE) (século XVI)

Religioso do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde faleceu a 20 de dezembro de 1552. Era colaço de D. João III, de quem sua mãe Filipa de Abreu, fôra ama de peito. Seu pai foi guarda-roupa de el-rei e veador das obras do reino. Não foi só um grande sabedor e erudito, mas tambêm artista notável na música e no desenho. «Foi tambem — diz Nicolau de Santa Maria — grande escrivão de todas as letras; iluminava e pintava excelentemente». (Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho,* tom. II, pág. 326.)

As Memórias do Púlpito dizem que fôra discípulo de Miguel Ângelo. Qual o fundamento desta asserção?

FR. TEODÓSIO DE PALMELA (século XIII)

Monge alcobacense. Atribui-se-lhe o códice XLIV, que contêm o *Hexameron* de Santo Ambrósio. Fólio menor, 126 fôlhas.

FR. JOÃO DE PAREDES (século XIV)

Monge alcobacense. Escritor do códice CCXXXI. Fólio magno, boa letra. Não é autor como pretendia o autor do *Index* e cuja opinião combateu Fr. Fortunato. (*Comment.*, pág. 68, *Historia de Alcobaça,* pág. 67.)

Copiou também o códice 132, que é a mesma obra.

DOMINGOS PEDRO, LISBONENSE (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice CXXX, exarado em boa letra. Contêm uma súmula de sermões para as festividades do ano. No fim lê-se a seguinte rúbrica:

«Explicit summa composita a Fr. Pelagio Parvo Ordinis Predicatorum & scripta ad preces Domini Petri Joannis Abbatis S. Joannis de Tarouca per manus Dominici Petri Olisiponensis Alcobatiae Monachi mense Octobris, anno 1288».

PEIXOTO (GOMES) (CALIGRAFO E ILUMINADOR)

Estatutos formalizados no capitulo geral de 1503 em Setubal, presidindo o M.e D. George, com a cópia da Regra de S. Bento, várias Bulas, usos e costumes da ordem de Calatrava, segundo consta do Índice que se segue — Índice da mesma letra. Fólio pequeno de pergaminho.

No verso e ao fundo do fólio Rbiij, a tinta encarnada:

«Definições que o senhor ducq̃ fes em Cabido geral em setuual a dous dias dagosto de mil e quinhentos e tres annos».

Ao fundo do fólio lxxxiij tem «Explectus est Liber iste ad laudem et gliam domini nre jesu cristi cui finis data est a gomecio pexoto, colimbrien diocẽ. Anno a natiuitate domini Millesimo Quingetesimo tercio».

«Confeso tibi gratias omnipotenti deo: Quia exhibuisti finem operi meo».

*

PENACOVA (FR. TRISTÃO DE) (século XV)

Era frade da ordem dos menores de S. Francisco. Vivia no convento de Santa Maria da Ínsua, próximo de Caminha, onde se ocupava com outros e sob a direcção de Fr. João da Povoa, na feitura de livros. Escreveu a Regra Seráfica, as suas declarações apostólicas e os Estatutos gerais de Barcelona. (Fr. M. da Esperança, *Historia Seraphica*, tom. 2.º, pág. 464.)

JOÃO PEQUENO, DE LEIRIA (século XII ou XIII)
(JOANNE PARVO)

Monge alcobacense. Escreveu o códice descrito sob o n.º IX no *Index*, o qual contêm Epistolas de S. Jerónimo. O Index enumera todas as obras contidas neste volume. Boaventura refere-se a êle, a pág. 277 dos seus *Commentarios*.

Do mesmo caligrafo são os códices:

XI — In fólio máximo — em grandes caractéres — contêm 6 livros dos *Commentarios* de S. Jerónimo sobre o profeta Jeremias.

XII — No mesmo formato e gôsto de letra, 14 livros dos *Commentarios* de S. Jerónimo sôbre o profeta Ezequiel.

O IX é o melhor de todos, aliás o XI, depois o IX.

Códice XI — Hujus codicis eximia nota, initiales Longobardicae primum notandae veniunt, etc. (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 280.)

LOURENÇO PERES, DE PENICHE (século XIII)

Monge cisterciense. Escreveu o códice LVI, que contêm 20 livros de comentários de Radulfo Flaviense sôbre o Levitico. Fólio magno.

FR. PONCIO DE PINHEL (século XII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXVII, que contêm obras de Santo Agostinho e de S. João Crisostomo. Fólio máximo.

«Seculo 12 — optimae notae — Initiales Longobardicae ru-

bro, caeruleo, viridique colore eleganter depictae, etc.». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 304.)

Fr. Fortunato considera fictício êste Poncio de Pinhel e supõe que fôra tomado do nome do que assina a carta que se lê no fim do códice (Pontius). «Ego quidem talem Pontium pro ficticio prorsus scriptore habeo, et nomen ab auctore Epistolae, quae in fine Codicis legitur, desumptum fuisse arbitror». (*Comment.*, pág. 58.)

FR. MARCELO PIRES (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXIV, fólio máximo, contendo obras de Santo Agostinho.

É do mesmo o códice XXV contendo sermões de Santo Agostinho, fólio máximo.

FR. MENDO DO POMBAL (século XII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XIX, fólio máximo, contendo 22 livros de Santo Agostinho *De Civitate Dei.*

«*Nitidissimus seculi 12, aureum S. Augustini opus de Civitate Dei continuus,* etc.». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 293.)

FR. QUINTILO DE POMBEIRO (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XCIX, in fólio, contendo uma exposição gramatical e diversas obras teológicas.

Fr. Fortunato diz que o códice se deve intitular «Glossulae in Veteris ac Novi Testamenti Libros» e considera-o anterior ao século XIII. Eis o que êle diz:

«Seculo 13 exaratas fuisse tradunt Auctores Indicis, quod sane probatu difficillimum est. Multa quidem indicia majori codicis vetustati favent, exquibus hoc tantum ÷ pro est adducam, est septingentos abhinc annos codicem scriptum fuisse detur suspicari». (*Comment.*, pág. 127.)

FR. NICOMEDES DE PORTALEGRE (século XII OU XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XIII, in-4.º grande, contendo três obras:

1.ª Uma explanação sôbre o Evangelho, letra miuda.

2.ª Comentários de S. Jerónimo, sôbre o profeta Daniel, caractéres nítidos.

3.ª Uma exposição sôbre a geração e nascimento de Cristo. adoração dos Magos, etc.

FR. DOMINGOS DE PORTO DE MÓS (século XIV)

É o escritor do códice CCXXVI, in-fólio, que contêm obras de Santo Agostinho.

FR. SERAFIM DE PORTO DE MÓS (século XIII ou XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XXXV, in-4.º, contendo obras de S. Gregório Papa.

POVOA (FR. JOÃO DA) (fim do século XV)

Franciscano da ordem dos frades menores. Nasceu no lugar da Povoa, que lhe deu o apelido, entre o convento de Santa Cristina e a vila de Tentugal, aí pelos anos de 1439, pois faleceu, com 67 anos de idade, a 29 de julho de 1506. Foi sepultado no claustro do convento da Conceição, em Leça da Palmeira, convento de que hoje poucos vestígios restam. Exerceu importantes cargos na ordem e foi muito estimado na côrte, sendo confessor de D. João II. Fr. Manuel da Esperança, traçando-lhe a biografia, apresenta-no-lo não só como varão apostólico, mas como homem de saber e inteligência, conciliando os princípios da mais rigorosa austeridade com o gôsto pelas letras. Teve particular cuidado em enriquecer as livrarias, ocupando os frades em copiar livros, sendo êle o primeiro a dar o exemplo, escrevendo muitos livros para o serviço do côro.

Vejam-se, no estudo preliminar, as passagens que transcrevemos de Fr. Manuel da Esperança. (Fr. Manuel da Esperança, tom. 2.º, pág. 487 e segg.)

FR. JORGE DA REDINHA (século XIII ou XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice, in fólio CCLIII, que contêm obras de João Cassiano.

REIS (INÁCIO ANTÓNIO DOS)

Foi o copista do seguinte poema, de que possue um

exemplar, em boa caligrafia, o sr. Jerónimo Ferreira das Neves:

Barbaceneida, poema heroico, por Luis António Pereira da Costa, sargento maior do Regimento da Cavalaria Auxiliar da Vila Nova da Rainha, da Capitania das Minas Gerais do oiro. (Vinheta, armas, pena e lira entrelaçadas). Ano de 1790. Ao fundo, Inácio António dos Reis fez.

O seguinte fólio é uma estampa alegórica subscrita pelo mesmo caligrafo ou desenhador, tendo a mais a data, ano de 1790.

O título é antecedido por um soneto «Ao Senhor Francisco de Soiza Guerra de Araujo Godinho, ouvidor e corregedor geral da comarca de Sabara».

O poema é em oitava rima, em 5 cantos e a metrificação é bastante harmoniosa. Copiamos a 1.ª estrofe:

Para cantar o Heroe claro e sublime
Das aureas terras no immortal comando,
Que da Ignorancia vil o Imperio opprime,
Nova gloria á Minerva accrescentando;
Cheas do nobre ardor que o gosto exprime,
E d'alto louro as fontes emanando,
Delphicas Musas, pois que o voto inspira,
De cordas d'oiro preparai a Lyra.

FR. MELCHIOR DOS REIS (século XVI)

Monge alcobacense. Escreveu o códice 271, pergaminho e mais o 272, papel.

FR. JOÃO DE RIO MAIOR (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XC, in fólio magno, que contêm Expositionem en 28 Matth.

No fim tem a seguinte rúbrica:

«Obsecro vos, qui haec legeritis, ut Joannis peccatoris memineritis». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 49.)

ROCHA DE MAGALHÃES (PANTALEÃO DA) (século XVII)

Foi mestre da capela e beneficiado na sé do Porto. Compôs o livro das festas, grande in-fólio, em pergaminho. A primeira fôlha contêm o sumário e no baixo do verso a seguinte declaração:

«Este liuro fez Pantaleão da Rocha de Magalhães, sendo

mestre da cappella e beneficiado nesta Sé do Porto, era de 1637».

Belas letras coloridas e algumas sôbre fundos lindamente iluminados.

FR. ROGERIO (século XV)

Frade franciscano (da ordem dos menores). Foi um dos fundadores do convento de S. Bernardino da Atouguia. Em S. Tiago de Cabo Verde o mandou matar o governador, por êle aconselhar a sua manceba que o abandonasse. Deu-se o caso em 1466. O autor do *Agiologio* o dá como francez, mas Fr. Fernando da Soledade, rebatendo aquela asserção, o considera natural de Castela. Eis o que escreve a seu respeito:

«Era famoso letrado, musico, excellente escrivão, muito alegre nas suas conversações e a todos agradavel. Ficou cheia a nossa provincia de livros que elle escreveo, Breviarios, Diurnos, Rituaes e outros, não só da resa, mas tambem de materias differentes; em o q̃ se occupou, assi por supprir a falta da impressão, que foi inventada pelos annos de 1440, como por aliviar de gastos (depois que teve uso) a pobresa dos conventos, e a sua alma de ocio, inimigo declarado da santidade e fomentador da malicia». (Fr. Fernando da Soledade, *Historia Seraphica,* tom. 3.º)

SANTAREM (FR. VASCO DE) (século XV)

Era um dos frades que no convento da Ínsua compunha livros para uso da comunidade. (Fr. M. da Esperança, *Historia Seraphica,* tom. 2.º, pág. 465.)

SARMENTO (DOMINGOS DOS SANTOS) século XIX)

Acrescente-se à notícia que dá S. Luiz (Lista) o que diz Figanière, no *Catalogo dos manuscriptos portuguezes do Museu britannico,* pág. 262.

FR. LAMBERTO DE SELIR (século XV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice em papel n.º LXXI que contêm o tratado *De modo bene vivendi.*

FR. XISTO DE SELIR DO MATO (século XIII)

Monge alcobacense. Atribue-se-lhe a cópia do códice XLII que contêm o tratado *De Videritate*.

Veja-se o que a êste respeito diz Fr. Fortunato nos *Commentarios*, pág. 64.

SEVILHA (FRANCISCO DE) (século XV)

Provavelmente hespanhol. Era frade da ordem dos menores de S. Francisco. Por ordem de Fr. João da Povoa escreveu a Lenda dos Santos Mártires de Marrocos, que se guardava em Santa Cruz de Coimbra, e que está hoje na Biblioteca Pública Municipal Portuense sob o n.º 29 (antigamente 52). Veja-se *Portugaliae Monumenta, Scriptores*, pág. 104, 105; Fr. Manuel da Esperança, tom. 2.º, pág. 490, e *Catalogo Portuense*, pág. 28.

FR. SIMÃO (século XVI)

Frei Simão, religioso da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, escreveu o Missal de resa romana que mandou fazer D. Diogo de Sousa, quando ainda era bispo do Porto, e que, no tempo em que D. Rodrigo da Cunha escrevia a história dos bispos desta cidade, estava no tesouro da Sé de Braga. Tinha uma rica encadernação em prata. (R. da Cunha, *Catalogo e Historia dos Bispos do Porto*, II parte, pág. 282.)

Num códice da Biblioteca da Ajuda existe um documento, que é o sumário da vida e acções do arcebispo D. Diogo de Sousa. Aí se encontra a seguinte referência ao Missal:

«A 5 de dezembro de 529, dia de S. Geraldo, deo e offereceu a esta Sé um Missal de pergaminho romano, muito rico, o qual os annos passados lhe dera encadernado em taboas cobertas de couro, e agora o mandou guarnecer de prata de ambas as partes: a primeira com a historia da cruz, com os Evangelistas e certos apostolos e prophetas; e da segunda o decimento da cruz com os arcebispos desta santa egreja e com alguns profetas; a trazeira de obra romana, tudo lavrado e dourado. É das melhores peças que deu a esta Sé; tem quatro brochas de prata; a cabeça dos registos

tem de prata 15 marcos, 6 onças e 4 reis; tem de ouro 31 cruzados. Custou em prata, ouro e feitio: setenta e sete mil quatrocentos e sessenta reis».

No mesmo manuscrito vem o título dos demais livros que deu à sé — psaltérios, feriais, santais, capituleiros, processionais, etc.

Êste documento foi publicado por Rodrigo Vicente de Almeida nos seus *Documentos ineditos (Historia da Arte em Portugal).*

FR. GREGÓRIO DE SOURE

Monge alcobacense. Escreveu o códice XIV, fólio máximo. grandes caractéres. Contêm 20 livros de Comentários de S. Jerónimo sôbre os 12 profetas menores.

FR. ANDRÉ DO SOUTO (século XIII)

Monge alcobacense. Atribue-se-lhe o códice XLVI, contendo a Exposição do Bispo Bruno sôbre o Pentatuno. Fólio magno, 218 fôlhas.

FR. HERMENEGILDO DE TANCOS (século XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice 273, que contêm o *Hortum Sponsi,* 4.º

FR. MARCO DE TENTUGAL (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu os códices XX, XXI, XXII, XXIII, in fólio máximo, contendo a exposição de Santo Agostinho sóbre todos os Psalmos de David.

À margem da exposição do Psalmo 122 tem a seguinte nota:

«Hic remancit in Ecclesia ad Vigilias anno Domini 1312, qui fuit annus XVI abbatiatus Domini Petri Nunii». (Fr. Fortunato, *Commentarii,* pág. 295.)

O Psalmo 122 é no códice 23. Idem, pág. 296.

FR. BENTO DE TOMAR (século XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice LXXXVI, in-fólio

magno, contendo «Expositionis Hervei Dolensis in aliquot Vit. Test. Libr.».

FR. BONIFÁCIO DE TOMAR (século XV–XVI)

Monge alcobacense. Escreveu o códice em papel n.º LXXIII.

FR. ROCHO DE TOMAR

Monge alcobacense. Verteu do hespanhol em português os códices 251 e 252. Seria tambêm o escritor?

FR. BELCHIOR DE TORRES VEDRAS (século XIII ou XIV)

Monge alcobacense (?). Escreveu o códice XXXIX, que contêm 22 livros das Homilias de S. Gregório Papa.

«Paucum aut nihil a praecedentibus (32, 33, 34), quoad notarum elegantiam, discedit». (Fr. Fortunato, *Comment.*, pág. 323.

FR. CRISTOVÃO DE VALVERDE

Monge alcobacense. Escreveu em nítidos caractéres, em fólio pequeno, o códice XV, que contêm *Vidas dos Santos Padres.*

Acêrca do códice 15 escreve Fr. Fortunato (*Comment.*, pág. 224):

«Membranaceus in fol. optimae notae, a Claravalli forsan adductus circiter annum 1153, ceu ex membranae, jam propter vetustatem purescentis, conditione fas est suspicari».

FR. JOÃO DE VERMELHA (fins do século XIV)

Monge alcobacense. Escreveu, de mandado do abade D. João de Ornelas, o códice CCLV, obras de Cassiano. Tem no fim a seguinte rúbrica:

«Era 1432 (anno 1394) concedente Sanctissimo Syderum Conditore, Fr. Joannes de Vermelha praesens opus duxit ad effectum de mandato R. P. D. Joannis de Ornellas Abb. Alcobae».

VICENTE

Escreveu o códice pertencente a Santa Cruz, conservado

*

hoje na Biblioteca Pública Portuense, sob o n.º 30. Contêm 3 obras:

«Eu Vicente pit. deõ escrivam scrivi este livro por mha maão». 1 vol. fólio pergaminho gótico com algumas iniciais ornadas e coloridas.

Vide Catálogo da Biblioteca Pública Portuense, pág. 16.

FR. BALTAZAR DE VILA FRANCA (século XIV)

Monge alcobacense. Escreveu, em nítidos caractéres, o códice CCIX, in-fólio magno, contendo 20 livros das obras de Santo Izidoro de Sevilha.

Fr. Fortunato (*Comment.*, pág. 394) diz dêle o seguinte:

«Codex seculo 13 ineunte exaratus, multiplici titulo commendatur. Nota praestantissima est Membrana post sexcentos elapsos annos hodiedum limpidissima, nec sua laude, quidquid in codice depictum extat, fraudandum est».

FR. DONATO DE VIZEU (século XII ou XIII)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XCIV, fólio magno, que contêm uma Exposição sôbre as Epístolas de S. Paulo.

FR. ARSÉNIO DE VOUZELA (século XIII ou XIV)

Monge alcobacense. Escreveu o códice XCVII, que contêm todas os Epístolas de S. Paulo com seus comentários.

ÍNDICE



